



“EI-LOS QUE PARTEM”

A História da Emigração Portuguesa

Uma série documental que nos obriga a reflectir sobre a nossa identidade e o nosso lugar no mundo

Em 1978, Vitorino Magalhães Godinho considerou a emigração uma “constante estrutural” da demografia portuguesa, cujo volume de saídas terá atingido níveis sem precedentes entre meados do século XIX e a década de 70 do século XX. Mesmo nos últimos três decénios, o fluxo emigratório português não parou – corresponderá a um número inferior de saídas (entre 20 000 e 27 000 indivíduos por ano, nos inícios do século XXI), assumirá um carácter mais temporário, será caracterizado por uma maior diversidade e até descobriu “novos” destinos (e.g. Grã-Bretanha). E depois, mesmo que o fluxo emigratório se tenha atenuado, subsiste a condição diaspórica dos portugueses – mais de 4,5 milhões de nacionais e luso-descendentes espalhados por uma miríade de países dos cinco continentes (equivalentes a cerca de 40% dos residentes em território nacional!) -, avivada continuamente pelas remessas que continuam a chegar (ainda hoje, cerca de 2% do Produto Interno Bruto), pelas comunicações constantes (telefónicas, televisivas, postais...), pelas visitas que animam e transformam tantos lugares do interior de Portugal continental e das regiões autónomas...

Se é verdade que Portugal se transformou, no início dos anos 90, num “país de imigração”, uma vez que os fluxos de entrada de estrangeiros passaram a suplantar as saídas de portugueses para o exterior, não é menos verdade que o pequeno Estado Ibérico continua a ser um “país de emigrantes”. É que os 4,5 milhões de compatriotas (ou descendentes destes) a residir no estrangeiro, são

mesmo muita gente, e gente das nossas famílias... afinal, os nossos “tios da América”, “primos da França” ou “amigos da Inglaterra”! Afinal, se no período contemporâneo a emigração assume um carácter bem menos estrutural na demografia portuguesa, ela continua a marcar o nosso imaginário colectivo e a nossa sociedade.

Infelizmente, o discurso académico, jornalístico e sobretudo político do último decénio, tem remetido, progressivamente, a emigração e os emigrantes portugueses, para uma espécie de recanto da história, uma nota de rodapé colocada nas notícias de Verão dos jornais e telejornais nacionais, onde a imigração e as comunidades imigrantes instaladas em Portugal assumem uma visibilidade muitíssimo maior. É este apagamento da emigração que a iniciativa da RTP “**EI-LOS QUE PARTEM**” *A História da Emigração Portuguesa*, em boa hora vem contrariar.

Esta série de cinco documentários explora os traços fundamentais que caracterizam os três ciclos da emigração portuguesa.

Os três primeiros programas, realizados por Jacinto Godinho, incidem sobre o ciclo transoceânico, que se prolonga de meados do século XIX até aos anos 30 do século XX. O Brasil e os Estados Unidos, destinos dominantes destes emigrantes, funcionam como os espaços de referência, sendo retratado o carácter definitivo desta emigração, as experiências pioneiras no Oeste americano e nos cafezais brasileiros, assim como o estabelecimento de “colónias” e a criação, por parte dos próprios emigrantes, de uma rede de estruturas de apoio social (associações, bibliotecas, hospitais...), sobretudo nítida no Brasil. Para estes programas foi efectuada uma investigação documental profunda, que inclui imagens e informações escritas inéditas, que acrescentam informações novas à “história já conhecida”.

Fernanda Bizarro realizou o quarto documentário que nos posiciona no contexto do ciclo Europeu (finais dos anos 50-1973/74), período em que mais de um milhão e meio de portugueses abandonaram o país. A França, destino claramente dominante, funciona como referência espacial e a “história” do episódio transporta-nos do Portugal da ditadura, politicamente fechado e

marcadamente rural, onde a transição para uma economia moderna não conseguia criar um número suficiente de novos empregos, para o destino francês, onde a plena expansão económica implicava o recrutamento de trabalhadores para funções pouco qualificadas na indústria transformadora, na construção civil ou no emprego doméstico. As experiências da emigração clandestina, o funcionamento das redes de recrutamento baseadas em conterrâneos, as dificuldades residenciais e a mobilidade social das mulheres emigrantes são retratados neste documentário, que ainda nos leva a dimensões mais recentes, como a manutenção dos laços com Portugal, designadamente ao nível local. Tratando do período da emigração que mais marca o imaginário colectivo das gerações ainda vivas, este programa fornece um olhar novo e diferente sobre uma realidade incontornável da história portuguesa das décadas de 60 e 70 do século XX.

O último programa da série, realizado por Paulo Costa, trata dos destinos que se afirmaram na sequência da emigração para França. De certo modo, pode ser classificado como um “programa de transição”, uma vez que mostra como o destino francês permitiu derivações para outros países, que se foram mantendo como destinos relevantes no 3º ciclo contemporâneo da emigração portuguesa (pós-inícios dos anos 80 do século XX). Neste caso, o Luxemburgo é a referência, sobretudo pela visibilidade e pelo significado da população portuguesa no Grã-ducado (mais de 15% dos residentes). Abordam-se questões como o empresarialismo dos emigrantes portugueses, o significado da 2ª geração e as suas ligações a Portugal, o carácter temporário dos movimentos mais recentes ou a manutenção dos referenciais identitários que passam pela religião católica, o futebol, o folclore e a música. Ao abordar uma realidade que estabelece a continuidade entre o passado recente (do “país de emigração” propriamente dito) e o presente (do “país de imigrantes com milhões de emigrantes e descendentes”), este programa apresenta a força do documentário-vivo e abre a porta para o quadro económico e social da emigração portuguesa dos dias de hoje.

Jorge Macaísta Malheiros

Consultor Científico

“EI-LOS QUE PARTEM” a História da Emigração Portuguesa

SINOPSES DE EPISÓDIOS

Os três primeiros episódios da História da Emigração abordam o ciclo transatlântico. Entre 1820 e 1930 a América foi a terra do sonho e das oportunidades para milhões de europeus. Na Europa a revolução industrial e a mecanização dos campos produzia desemprego e fome. Na América o fim da escravidão abriu milhões de postos de trabalho. Durante todo o século XIX e primeira metade do século XX um milhão e meio de portugueses abandonou o país em busca de trabalho nos Estados Unidos e no Brasil. Foi a primeira grande vaga da emigração portuguesa.

1º Episódio – Primeiros emigrantes.

O primeiro episódio investigou as raízes da emigração para a América. New Bedford na Nova Inglaterra foi a primeira “capital portuguesa” dos EUA tornando-se num destino prioritário para emigrantes açorianos e madeirenses. Quais os motivos que levaram os emigrantes a reunirem-se naquela pequena cidade portuária? A rota dos grandes veleiros é normalmente apontada como a responsável pela ida dos primeiros emigrantes açorianos para os EUA. Mas a investigação do programa foi mais longe descobrindo que a emigração dos ilhéus está ligada a uma outra diáspora – a dos judeus portugueses. Aaron Lopez fugiu de Portugal em 1752. Tornou-se num dos principais comerciantes americanos. Foi Lopez quem desenvolveu o negócio das velas feitas com óleo de baleia possibilitando que New Bedford se tornasse no porto baleeiro mais importante do mundo. A sua enorme frota de veleiros cruzava o Atlântico tripulado por muitos açorianos contratados nas ilhas.

A emigração de Portugal continental dirigia-se sobretudo para o Brasil. O comércio do Rio de Janeiro e de outras cidades brasileiras foi, durante anos, dominado por portugueses. O monopólio era alimentado pela chamada “rota

dos caixeiros”. Os caixeiros eram mão-de-obra de confiança educada no norte de Portugal, Porto e Alto Minho. As famílias nortenhas preparavam os filhos para trabalharem no Brasil. Enviavam-nos ainda crianças, com 13, 14 anos para se empregarem como caixeiros por conta de familiares. Trabalhavam dia e noite amalhando para se tornarem mais tarde proprietários das lojas. Esta é a história desconhecida de muitos portugueses célebres como o Conde de Ferreira, o Barão de Nova Cintra, Ferreira de Castro, autor do livro “A selva”, entre outros.

A partir de 1850, com o fim do tráfico de escravos inicia-se um outro período, mais negro, da emigração portuguesa para o Brasil conhecido como escravatura branca. Os fazendeiros brasileiros das explorações de café para compensar a falta de mão-de-obra financiaram redes de clandestinidade para atrair mão-de-obra europeia. Emigrantes que depois, nas fazendas, eram explorados como se fossem escravos.

Autor: Jacinto Godinho

Imagem: Carlos Aranha

Edição: Paulo Marcelino

Produção: Eduardo Ricou

Pesquisa e documentação – Luísa Vaz

Sonoplastia – António Garcia

Genérico – Nicolau Tudela

Grafismo – Júlio Castanheira e Vítor Martins

Locução – José Neto

2º Episódio – Fortunas Americanas

No segundo episódio analisam-se as fortunas dos “Brasileiros de Torna Viagem”. Aqueles que enriqueciam com a emigração gostavam de ostentar o sucesso construindo casas apalaçadas ou mesmo palacetes extravagantes. O impacto das fortunas brasileiras na economia do país ainda hoje gera alguma polémica. Uns consideram que apesar de fraca a industrialização do país só foi possível com os dinheiros da emigração. Outros sustentam que a remessa do emigrante, ansiosamente aguardada, alimentou no país uma cultura da subsidiodependência e de conformismo.

O segundo episódio evoca também uma das mais extraordinárias epopeias portuguesas: a emigração para o oeste americano. Por volta de 1850 muitos portugueses participaram na célebre corrida ao ouro. Fundaram colónias na Califórnia e contribuíram para a ocupação do território índio. Entre outros apresenta-se o caso de Manuel Brasil o açoriano que ajudou o xerife Pat Garret a prender o célebre pistoleiro Billy the Kid.

A partir de 1878 Portugal negociou com o Imperador do Havai o envio de mão-de-obra para as plantações de açúcar daquelas ilhas do Pacífico. Foram as últimas aventuras dos épicos veleiros que cruzaram o Atlântico durante o século XIX. As viagens demoravam quase quatro meses e os emigrantes percorriam metade do globo para chegar ao local de trabalho. A comunidade portuguesa do Havai chegou a ter 20 mil emigrantes.

Autor: Jacinto Godinho

Imagem: Carlos Aranha

Edição: Paulo Marcelino

Produção: Eduardo Ricou

Pesquisa e documentação – Luísa Vaz

Sonoplastia – António Garcia

Genérico – Nicolau Tudela

Grafismo – Júlio Castanheira e Vítor Martins

Locução – José Neto

3º Episódio - Sonho e Desespero

A partir de 1880 com o fim escravatura e o início da República no Brasil inicia-se um novo ciclo na emigração portuguesa. A perturbação política no Brasil fez cair as remessas de emigrantes o que contribuiu para agravar a crise económica em Portugal. Entre os portugueses cresce o desejo de emigrar.

No Brasil o Governo incentiva a emigração espontânea, pagando viagens e oferecendo contratos. O café está em franco desenvolvimento. Nos mares reina agora o barco a vapor. As viagens que demoravam 40 dias nos veleiros passam a demorar apenas 10, 12 dias nos transatlânticos.

A América pede trabalhadores e a Europa tem milhões de pobres para enviar. É o início da emigração de massas. Entre 1890 e 1920 um milhão de portugueses sai do País. Na época este número representava um quinto da população.

No Brasil dirigiam-se para as fazendas de café mas também para as cidades. No limite desenrascavam-se com negócios de rua para sobreviver. Tornaram-se alvo das anedotas dos brasileiros.

Na Amazónia surgiram as fortunas da borracha. Ferreira de Castro emigrou aos 12 anos. A sua biografia e os seus livros como *A Selva* e *Os Emigrantes* são o melhor testemunho desses anos de sonho e desespero para os emigrantes portugueses.

Nos EUA os negócios ligados com pesca à baleia faliram depois da descoberta do petróleo. As cidades da Nova Inglaterra substituíram a baleia pelos têxteis. As comunidades portuguesas de New Bedford e Fall River atraíam agora emigrantes para fábricas.

Nos anos 20 os americanos estabeleceram cotas o que fez diminuir a emigração portuguesa. O problema agravou-se em 1929 com a quebra bolsista de Wall Street. A chamada Grande Depressão que fez falir muitas fábricas na Nova Inglaterra. Muitos emigrantes regressaram aos Açores e outros arranjaram emprego perto de New York em Newark onde fundaram uma das maiores comunidades de portugueses nos Estados Unidos.

A crise económica americana afectou também as exportações brasileiras de café. A emigração portuguesa para o Brasil entra numa fase de declínio. Por volta de 1955, quando começa o salto dos emigrantes em direcção a França praticamente já ninguém emigra para o Brasil. O sonho dos portugueses numa vida melhor passou a estar do outro lado da fronteira terrestre.

Autor: Jacinto Godinho

Imagem: Carlos Aranha

Edição: Paulo Marcelino

Produção: Eduardo Ricou

Pesquisa e documentação – Luísa Vaz

Sonoplastia – António Garcia

Genérico – Nicolau Tudela

Grafismo – Júlio Castanheira e Vítor Martins

Locução – José Neto

4º Episódio - A Sangria da Pátria

“A Sangria da Pátria” é a história dos emigrantes portugueses que nos anos 60 abandonam os campos e partem para a Europa.

A seguir à II Guerra Mundial a reconstrução Europeia faz-se com base em políticas de recrutamento activo de trabalhadores do Sul da Europa e as portas abrem-se à emigração.

O atraso secular de Portugal, os entraves à modernização da agricultura, o início da guerra colonial e o endurecimento político do regime, empurram para fora do país os camponeses, sem perspectivas e cansados de uma vida de miséria.

Em apenas 10 anos mais de um milhão e meio de pessoas sai de Portugal. Dessas, perto de um milhão vai para a França.

A salto, clandestinamente, atravessam a Espanha e os Pirinéus e instalam-se aos milhares nos bairros de lata à volta da cintura de Paris, na chamada Ile de France.

O programa retrata a situação social, política e económica da época e traça o percurso até aos dias de hoje desses homens e mulheres a que o jornal francês “Le Monde” chamou “les soutiers de l’Europe” – (os homens do porão da Europa) – e que em pouco tempo ascendem a um nível social e económico inesperado.

A RTP ouviu os protagonistas da História e também historiadores e investigadores que estudaram aquela a que o Prof. Eduardo Lourenço chama “a verdadeira Epopeia dos Portugueses”. Além do próprio Eduardo Lourenço, “A Sangria da Pátria” inclui depoimentos de Irene Pimentel, que tem investigado os Arquivos de Salazar, Victor Pereira com uma tese de doutoramento sobre a emigração no Estado Novo, Albano Cordeiro, Coordenador do Departamento de Sociologia da Imigração na Sorbonne, Marie-Christine Volovitch-Tavares historiadora e Coordenadora da secção portuguesa do Museu da Imigração que abrirá em breve as suas portas em

Paris e ainda Juliette Minces, autora de várias obras sobre a imigração portuguesa em França e o trabalho.

Uma história praticamente desconhecida, nunca contada até hoje na televisão Portuguesa, com imagens nunca vistas do maior bairro de lata da Europa, por onde passaram pelo menos quinze mil portugueses. O testemunho vivo de um tempo para que nunca se possa apagar a memória de um povo.

Autor: Fernanda Bizarro

Imagem: Pedro Escoto

Edição: Paulo Alexandre

Produção: Eduardo Ricou

Pesquisa e documentação – Lila Lacerda e Luísa Vaz

Sonoplastia – Luís Mateus

Genérico – Nicolau Tudela

Grafismo – Júlio Castanheira e Vítor Martins

Locução – José Neto

5º Episódio - A emigração portuguesa para o Luxemburgo

É um dos mais ignorados destinos da emigração lusa. E, no entanto, em nenhum outro país europeu os portugueses se concentraram em tais proporções. Há mesmo uma localidade – Larochette - onde superam a população Luxemburguesa.

De acordo com os dados oficiais, os emigrantes são já cerca de setenta mil (14 % da população) num dos menores países da União Europeia (sessenta quilómetros de largura por oitenta de extensão). São jovens (idade média de 29 anos) e têm grande presença no mercado de trabalho (77% de activos).

"Os portugueses são tantos aqui que se nós formos na rua e chamarmos "ó Zé" há logo cinco cabeças que se voltam para trás..." - exemplifica Luís Barreira, o director da muito lusitana "Rádio Latina".

Os portugueses começaram a chegar em força ao Luxemburgo no final dos anos sessenta. Vinham quase todos "a salto", via França, fugidos à miséria. "Foi a grande vaga", diz Mili Tasch, que se lembra das "filas intermináveis" de homens à procura de um passaporte frente ao consulado de Portugal, onde era secretária.

É a época "negra" da história da emigração. Logo surge a xenofobia numa sociedade muito conservadora. "Accès interdit aux portugais et espagnols" diz por exemplo um aviso num café, reproduzido a 11 de Setembro de 1971 na primeira página do "Républicain Lorrain". Há confrontos à porta dos "foyers" e até manifestações hostis.

Os portugueses tornam-se entretanto nos pedreiros e nas mulheres-a-dias de quase todo o Luxemburgo. Serão mesmo os seus "novos negros", na perspectiva do geógrafo Jorge Arroiteia.

Formam ainda hoje grande parte da mão-de-obra empregue na construção civil. E, à noite, nos corredores dos bancos e pelas escadas do grão-ducado, também se fala a língua de Camões: 60 % das empregadas de limpeza são de nacionalidade portuguesa...

Mas os antigos trabalhadores braçais sem eira nem beira foram melhorando a sua situação e diversos conseguiram estabelecer-se. Hoje há mil e oitocentos empresários e algumas grandes fortunas.

É a história destes ignorados heróis da emigração contemporânea portuguesa que se pretende contar neste documentário. São em geral pessoas humildes, os descamisados europeus dos anos sessenta e setenta. Tiveram de abandonar o torrão natal, mas deixaram a sua marca no Luxemburgo.

A pequena aldeia transmontana do Fiolhoso é um bom exemplo doutras consequências a longo prazo da emigração.

O Fiolhoso pode ser considerada a aldeia mais luxemburguesa de Portugal: a maior parte dos filhos da terra estão lá emigrados. A aldeia desenvolveu-se muito, tem até um lar de terceira idade modelar (que foi financiado pelo Grão-Ducado). Tem é cada vez menos jovens. Como alerta, o geógrafo Jorge Freire Coimbra, ele próprio filho de emigrantes e a viver no Luxemburgo, a segunda geração já só vem para as festas e para as férias. As aldeias dos seus ancestrais ainda os atraem, mas "habituarão-se à modernidade..."

Os portugueses continuam entretanto a afluir em grande número ao Luxemburgo. Foram cerca de oito mil, só no ano passado...

Autor: Paulo Costa

Imagem: Carlos Aranha, Albano Espírito Santo e Pedro Escoto

Edição: Paulo Alexandre

Produção: Eduardo Ricou e Brigitte Kerger

Pesquisa e documentação –Luísa Vaz

Sonoplastia – Luís Mateus

Genérico – Nicolau Tudela

Grafismo – Júlio Castanheira e Vítor Martins

Locução – José Neto

O projecto inclui imagens de arquivo oriundas dos seguintes arquivos: RTP, ANIM, INA, Gaumont, e Télévision Française.

Os documentários que compõem a série foram construídos a partir de referenciais científicos e tiraram partido de uma extensiva pesquisa e investigação, que acaba por reforçar o rigor histórico e social. Para lá disto, conta sobretudo o esforço de combinar, de forma feliz, a história científica da emigração com as narrativas quotidianas dos “nossos” emigrantes. Para seguir semanalmente na **RTP1, a partir de dia 18 de Abril.**